

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Priscilla da Silva Fernandes

**NÍVEL DE DESEMPENHO MOTOR DE ESCOLARES PRATICANTES E NÃO
PRATICANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Porto Alegre

Novembro de 2011

Priscilla da Silva Fernandes

**NÍVEL DE DESEMPENHO MOTOR DE ESCOLARES PRATICANTES E NÃO
PRATICANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Míriam Stock Palma

Porto Alegre

2011

Priscilla da Silva Fernandes

**NÍVEL DE DESEMPENHO MOTOR DE ESCOLARES PRATICANTES E NÃO
PRATICANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. – Instituição

Orientador – Prof. Dr. – Instituição

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Doutora Míriam Stock Palma pelo acolhimento durante esse processo, pela dedicação, disponibilidade, pelas palavras de incentivo e, principalmente, por transmitir segurança e calma nos momentos difíceis.

À minha querida mãe que sempre me incentivou e ajudou para concluir mais essa etapa em minha vida, nunca deixando de me apoiar quando fiz minhas escolhas.

Ao meu namorado e companheiro, que durante esse processo sempre me deu carinho e incentivo nas fases conturbadas do curso.

Ao meu colega Maicon pela ajuda nas coletas, sempre com boa vontade e disponibilidade em me auxiliar.

Aos meus colegas e amigos que conquistei durante o curso, e que estiveram comigo durante todos os momentos alegres e difíceis.

Às crianças participantes do estudo, pelo entusiasmo e disposição durante as coletas.

RESUMO

Grandes mudanças estão ocorrendo em nossa sociedade e uma delas é a falta de liberdade das crianças poderem brincar em parques, praças, sem a preocupação com a segurança, pois a violência cresce no mesmo ritmo que os centros urbanos. Com isso, na maioria das vezes, a escola torna-se o principal espaço para as crianças desenvolverem suas habilidades motoras básicas; então cabe ao professor de educação física auxiliá-las nesse processo. O objetivo do nosso estudo foi avaliar e comparar o nível de desempenho motor de crianças praticantes e não praticantes de educação física escolar. A amostra foi composta por quarenta crianças, meninos e meninas com sete a nove anos de idade, dentre as quais vinte matriculadas em uma escola municipal de ensino fundamental (onde é oferecida educação física com o professor da área) e vinte matriculadas em uma escola estadual de ensino fundamental (onde as crianças não têm educação física com um professor da área); as duas escolas estão situadas no mesmo bairro em Porto Alegre. O instrumento utilizado para a análise do desempenho motor das crianças foi o *Test of Gross Motor Development-2* (TGMD-2), de Ulrich (2000). Os resultados apontaram um nível de desempenho motor *muito pobre* para ambos os grupos, com base nas categorias propostas por Ulrich (2000), portanto indicando que os níveis de desempenho motor dessas crianças estão aquém do esperado para a idade. Não foram verificadas diferenças significativas entre os grupos, no que se refere aos subtestes locomotor e de controle de objetos e ao Coeficiente Motor Amplo. Considerando os resultados obtidos, fica a nossa preocupação quanto à qualidade dos programas de educação física escolar, uma vez que o grupo que realiza educação física com professor especializado apresentou um desempenho motor muito aquém do esperado.

Palavras-chave: Desempenho Motor; Escolares; Educação Física.

ABSTRACT

Major changes are occurring in our society and one of them is the lack of freedom of the children to play in parks, squares, without worrying about security, as violence grows at the same rate as urban centers. Thus, in most cases, the school becomes the main space for children to develop their basic motor skills, so it is the physical education teacher to assist them in this process. The aim of our study was to evaluate and compare the level of motor performance of children practicing and non practicing physical education. The sample consisted of forty children, boys and girls of seven to nine years of age, of which twenty enrolled in a public school elementary school (where physical education is offered to the teacher's area) and twenty enrolled in a state school elementary school (where children do not have a physical education teacher in the area), the two schools are located in the same neighborhood in Porto Alegre. The instrument used for the analysis of motor performance of children was the Test of Gross Motor Development-2 (TGMD-2), Ulrich(2000). The results showed a level of motor performance was very poor for both groups based on categories proposed by Ulrich (2000), thus indicating that the levels of motor performance of these children are less than expected for their age. There were no significant differences between groups with regard to subtests locomotor and object control coefficient and the Comprehensive Motor. Considering the results, it is our concern about the quality of school physical education programs, since the group that performs physical education specialist teacher motor performance was far below expectations.

Keywords: Engine Performance, School, Physical Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 -	Tabela com as médias dos grupos.....	27
Ilustração 2 -	Gráfico subteste locomotor.....	29
Ilustração 3 -	Gráfico subteste controle de objetos.....	30
Ilustração 4 -	Gráfico Coeficiente Motor Amplo.....	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Análise transacional da causa no desenvolvimento motor.....	14
Figura 2 - Fases do desenvolvimento motor.....	17

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVOS E HIPÓTESES.....	12
2.1 Objetivo.....	12
2.2 Hipóteses.....	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1 IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO NA INFÂNCIA.....	13
3.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR.....	14
3.2.1 Fases do Desenvolvimento Motor.....	16
3.2.2 Habilidades Motoras Fundamentais.....	18
3.2.3 Habilidades Motoras Especializadas.....	19
3.3 Educação Física nas séries iniciais sob o aspecto da legislação.....	19
3.4 Importância da Educação Física nas séries iniciais.....	21
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
4.1 Tipo de pesquisa.....	24
4.2 Amostra.....	24
4.3 Instrumentos.....	24
4.4 Procedimentos éticos e de coletas de dados.....	25
4.5 Análise dos dados.....	26
4.5.1 Análise dos vídeos.....	26
4.5.2 Análise estatística.....	26
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	26
5.1 Distribuição dos dados na amostra.....	27
5.2 Análise do desempenho motor, conforme Ulrich (2000).....	27
5.3 Comparação entre os grupos.....	29
5.3.1 Subteste Locomotor.....	29
5.3.2 Subteste Controle de Objetos.....	30
5.3.3 Coeficiente Motor Amplo.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	39
Anexo 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido pelos responsáveis legais	

da criança.....	39
Anexo 2 - Protocolo de avaliação da habilidade de corrida lateral do teste de ULRICH (2000).	40
Anexo 3- Questionário - Informações a respeito da prática de atividade física sistemática pelas crianças.....	41
Anexo 4 - Termo de Consentimento Institucional.....	42

1 INTRODUÇÃO

Diversos fatores da sociedade moderna vêm modificando as experiências motoras das crianças: elas estão mais dentro de casa por causa da violência, assistem muitas horas de televisão, computadores e jogos eletrônicos substituem as brincadeiras nas ruas e nos parques. Estudos mostram que, como consequência desta realidade, o número de crianças obesas em todo o mundo vem aumentando aceleradamente.

É na infância que as crianças necessitam de experiências motoras diversificadas e hábitos adequados para se tornarem adultos ativos e saudáveis. As escolas, então, acabam se tornando o único (ou o principal) espaço onde as crianças conseguem vivenciar e ampliar suas experiências motoras. Nesse sentido, compreende-se a grande importância e necessidade de programas de movimento desde tenra idade. Esses programas devem propiciar às crianças oportunidades de novos movimentos, com materiais e espaços adequados e, além disso, a orientação de um professor que conheça e considere as características e necessidades das crianças.

Por isso, entendemos que a educação física nas séries iniciais é de suma importância para o perfeito desenvolvimento motor das crianças, mas, ao contrário disso, o que percebemos em muitas escolas é a prática da educação física ministrada pelo professor da área somente nos últimos anos do ensino fundamental.

O interesse para realizar este estudo aconteceu a partir dos estágios curriculares que realizei com alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Verifiquei que, mesmo aqueles alunos do Ensino Fundamental que já realizaram aulas de educação física no Ensino Infantil, ainda possuíam um nível de desempenho não satisfatório. Isso preocupa, pois essas crianças com pouco estímulo motor terão dificuldades na realização de vários movimentos mais especializados, requeridos em muitos esportes, na dança, nas lutas, nos jogos, etc. Esse fato pode levar as crianças a desistirem da prática de atividades físicas durante sua vida, tornando-se então adultos sedentários e, como profissionais de educação física, não é isso o que desejamos.

Nessa perspectiva, surgiu-nos o seguinte problema: *Escolares que não realizam aulas de educação física demonstram um nível de desempenho motor inferior, quando comparados àqueles que realizam essas aulas?*

2 OBJETIVO E HIPÓTESES

2.1. OBJETIVO DO ESTUDO

Avaliar e comparar o nível de desempenho motor de escolares, praticantes e não praticantes de educação física.

2.2 HIPÓTESES

As seguintes hipóteses foram elaboradas acerca do objetivo do estudo:

H₁- Escolares praticantes de educação física apresentarão um desempenho motor adequado a sua idade, enquanto escolares não praticantes apresentarão um desempenho motor aquém do esperado para sua idade.

H₂- Escolares praticantes de educação física apresentarão desempenho motor superior, quando comparados com escolares não praticantes de educação física.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO NA INFÂNCIA

Desde o nascimento o ser humano entra em contato com o mundo através do movimento de seu corpo e é através desse movimento que expressa necessidades fisiológicas, cognitivas e psicossociais, como o instinto de sobrevivência, desconforto, alegrias, entre tantas outras manifestações que ocorrem através do movimento.

A necessidade urgente de alcançar o controle das habilidades motoras e de ampliar ao máximo a capacidade do corpo para o movimento é algo comum a todas as crianças. Elas se regozijam com a realização de exercícios físicos e apreciam o movimento por si só, usando-o para expressar sentimentos, manipular objetos e aprender sobre o mundo em que vivem (SANDERS, 2005).

Weineck (2005) afirma que, através da carência de movimentação, ocorre uma redução da capacidade de desempenho de todos os sistemas que garantem o desempenho global do organismo, podendo acarretar deficiências posturais, orgânicas e coordenativas. Corroborando com isso, Sanders (2005) afirma que há muitas razões para que as crianças sejam fisicamente ativas; uma delas é a de que a falta de atividade física contribui para que haja cada vez mais problemas relacionados à obesidade.

Os programas relacionados ao movimento para crianças devem concentrar-se de maneira séria no desenvolvimento das habilidades motoras. Tais habilidades são ferramentas inestimáveis que serão utilizadas ao longo da vida para participar de atividades físicas, ajudando a manter a saúde e a forma física (SANDERS, 2005).

Gallahue e Ozmun (2005) entendem que o movimento e o desenvolvimento sequencial de habilidades são o núcleo do crescimento físico, pois, independentemente da atividade, não se pode executá-la bem se as habilidades fundamentais de movimento contidas nessa atividade não tiverem sido desenvolvidas. Complementando essas afirmações, Weineck (2005) considera a faixa etária de seis a doze anos como período em que há nas crianças grande necessidade de movimentarem-se. Na idade de dez a onze/doze anos, especialmente, é a fase decisiva para a aptidão esportiva. Nesta etapa o que foi perdido, dificilmente ou através de um grande esforço, será recuperado.

A literatura tem apontado que, quando as habilidades básicas do movimento são desenvolvidas na tenra idade e aperfeiçoadas durante a infância, as crianças serão capazes de tomar rumos diferentes e de participar de várias atividades físicas.

3.2 DESENVOLVIMENTO MOTOR

O desenvolvimento motor é uma alteração contínua no comportamento motor ao longo do ciclo da vida, realizado pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (GALLAHUE; OZMUN, 2005). Além disso, segundo Clark (1994) possui caráter cumulativo, influenciado por habilidades e destrezas individuais assim como diferenças individuais no contexto e na prática de diferentes tarefas.

A figura 1 ilustra a grande variedade de fatores que influenciam tanto no processo como no produto do desenvolvimento motor.

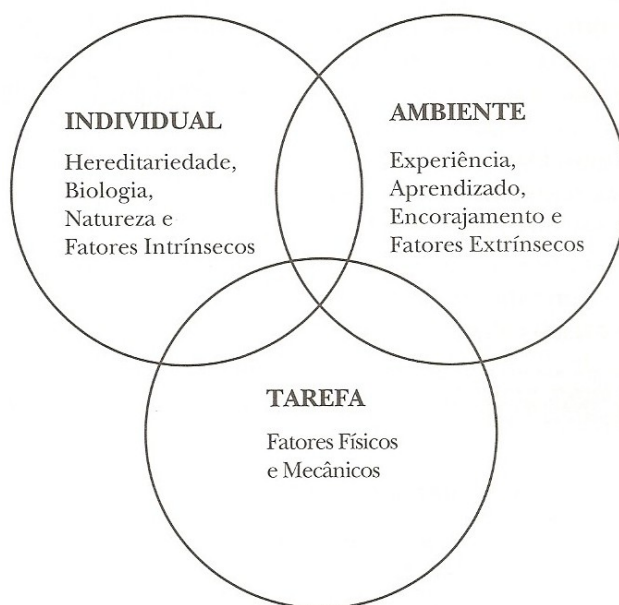


FIGURA 1. Análise transaccional da causa no desenvolvimento motor (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Para elucidar um pouco mais esse processo de desenvolvimento, Clark apud Isayama e Gallardo (1998) descreve as mudanças no desenvolvimento motor em seis principais fases: 1) reflexiva; 2) pré-adaptativa; 3) de habilidades motoras fundamentais; 4) de habilidades motoras

específicas do contexto; 5) habilidosa; 6) compensatória. A progressão de um período para o outro vai depender das mudanças nas restrições críticas, onde as habilidades e as experiências adquiridas no período anterior servem como base para aquisição de habilidades posteriores. Ao encontro disto, Manoel (2005) pressupõe que o desenvolvimento motor acontece de uma maneira hierarquizada, pois o nível em que se encontram os movimentos fundamentais pode influenciar o alcance dos níveis mais complexos.

O período correspondente dos dois aos seis anos de idade é marcado como uma fase fundamental para o desenvolvimento infantil em relação à motricidade, sendo estabelecido como o período de desenvolvimento das habilidades motoras básicas ou fundamentais. Weineck (2005) classifica essa faixa etária como *Idade pré-escolar* (3 até 6/7 anos), a qual é caracterizada por um alto ímpeto para movimentos e brincadeiras, uma curiosidade acentuada, além de uma pequena capacidade de concentração.

Estudos como o de Caetano, Silveira e Gobbi (2005) demonstram a necessidade de uma atenção especial durante a pré-escola, em que eles avaliaram o desenvolvimento motor de pré-escolares no intervalo de treze meses e concluíram que, nos anos iniciais da infância, ocorrem mudanças substanciais no comportamento motor, nos quais o repertório motor torna-se cada vez mais diversificado.

Para Gallahue e Ozmum (2005), nesse período, a criança está ativamente envolvida na exploração e experimentação das capacidades motoras de seu corpo. Essa fase, chamada de *Fase de Movimentos Fundamentais*, é o momento de descobrir como desempenhar uma variedade de movimentos estabilizantes, locomotores e manipulativos, primeiro isoladamente e, então, de modo combinado. No entanto, pesquisas confirmam que as crianças não necessariamente desenvolvem suas habilidades motoras somente brincando (MANROSS *apud* SANDERS, 2005). Criar oportunidades para que elas participem de experiências de atividades motoras planejadas é fundamental para o desenvolvimento de suas habilidades motoras.

De acordo ainda com Manross *apud* Sanders (2005) somente jogar não é algo que ajude as crianças a desenvolverem suas habilidades motoras; ele constatou que os alunos da quinta e da sexta séries que participaram diariamente das atividades estruturadas para o desenvolvimento de habilidades tinham um desempenho melhor do que os que participaram de aulas de educação física centradas apenas em jogos. Reforçando isso, Sanders (2005) afirma que, para as crianças tornarem-se adultos que venham a colher os muitos benefícios da atividade física regular, a educação deve ter como foco o desenvolvimento das habilidades motoras básicas.

3.2.1 FASES DO DESENVOLVIMENTO MOTOR

Conforme Gallahue e Ozmun (2005) o processo de desenvolvimento motor pode ser considerado sob o aspecto de fases, as quais são subdivididas em estágios. Esses autores afirmam que as habilidades motoras dos indivíduos podem se apresentar em fases diferentes, dependendo de seus ambientes de experiências e de certas estruturas genéticas.

O modelo da ampulheta, formulado por Gallahue e Ozmun (2005), nos ajuda a entender o processo de desenvolvimento motor, pelo qual um indivíduo progride a partir da fase de movimentos reflexos para as fases de movimentos rudimentares e fundamentais e, finalmente, para a fase de habilidades motoras especializadas.

Na perspectiva de muitos autores (GALLAHUE; DONNELLY, 2008; NETO, 2001; SANDERS, 2005), a *Fase de Movimentos Fundamentais* é a mais importante, pois nessa fase são constituídas as bases motoras a serem utilizadas ao longo de toda a vida. Como resultado da fase dos movimentos fundamentais, surgem as habilidades motoras especializadas, em um período em que as habilidades estabilizadoras, locomotoras e manipulativas fundamentais são refinadas, combinadas e elaboradas para o uso em situações mais complexas.

No entanto, entre essas fases há um estágio transitório. Nesse período, o indivíduo começa a combinar e a aplicar habilidades motoras fundamentais no desempenho de atividades especializadas, requeridas nas mais diversas práticas corporais, como os esportes, a dança, os jogos, as lutas, etc. As “habilidades transitórias são simplesmente aplicações de padrões de movimentos fundamentais em formas mais específicas e mais complexas” (GALLAHUE; OZMUN, 2005, p. 62).

A figura 2 ilustra o modelo da Ampulheta, proposto por Gallahue e Ozmun (2005).

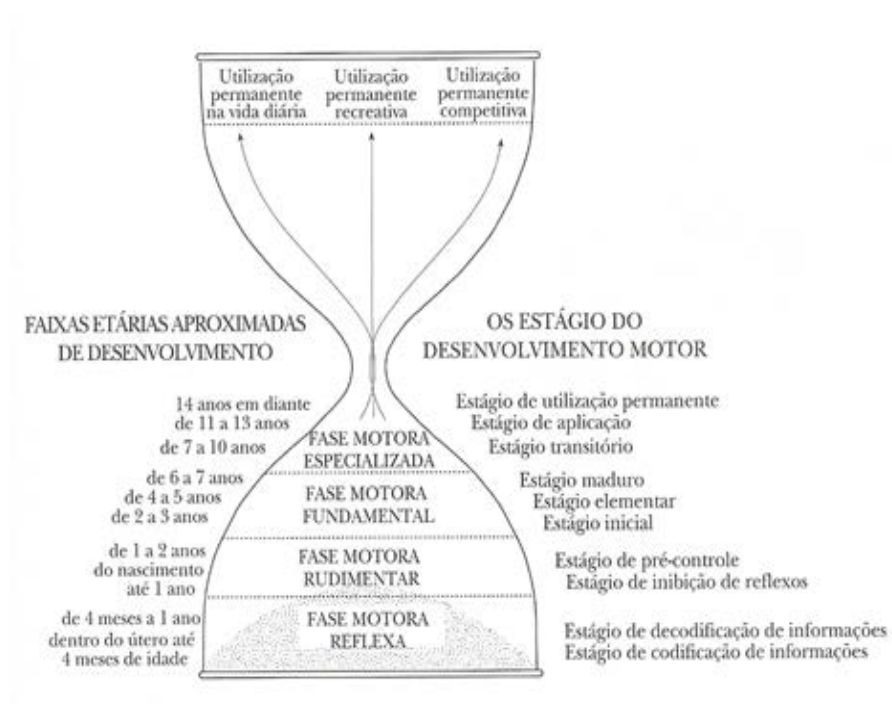


Figura 2. As fases do desenvolvimento motor (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Este estudo abrangerá o primeiro estágio da *Fase Motora Especializada* denominada por Gallahue e Ozmun, (2005), porém vários estudos (BRAUNER, 2009; AZEVEDO, 2009; BRAGA et al. 2009) apontam que grande parte das crianças ainda não alcançaram essa fase, mesmo estando na idade cronológica indicada. Confirmando este fato, diversos autores, como Tani et al (1988, p. 73) afirmam que “não é pequeno o número de indivíduos que não atingem o padrão maduro nas habilidades básicas, nas quais apresentam um nível rudimentar, o que prejudicará todo o desenvolvimento posterior”.

Villwock (2005), em sua pesquisa sobre a competência motora de crianças entre oito e dez anos de idade, avaliadas através do TGMD-2 (ULRICH, 2000), encontrou um desempenho aquém do esperado, assim como diversos estudos recentes têm constatado essa carência motora (BRAGA et al, 2009; VIEIRA et al, 2009; VIILWOK; VALENTINI, 2007; LOPES, 2006; LOPES, et al, 2003).

Brauner e Valentini (2009) afirmam que, embora crianças entre cinco e seis anos de idade possam potencial para evidenciar padrões maduros de movimento, em seu estudo (que corroborou com outros anteriormente realizados), essas não alcançaram os padrões esperados.

A literatura tem justificado que fatores relacionados às características próprias de cada indivíduo, às condições dos ambientes em que vivem e às especificidades das tarefas tornam

possível que crianças de mesma idade apresentem desempenhos motores diferenciados, assim como crianças de idades variadas apresentem similaridades em seu desempenho motor.

3.2.2 HABILIDADES MOTORAS FUNDAMENTAIS

Um movimento fundamental envolve os elementos básicos somente daquele movimento em particular. Cada padrão motor é primeiramente considerado de forma isolada em relação a todos os outros e, então, vinculado a estes em diversas combinações.

As habilidades motoras fundamentais envolvem movimentos como pular, correr, galopar, arremessar, chutar, rolar, etc. Elas são consideradas *blocos de construção* indispensáveis para o desenvolvimento de atividades de movimento em uma perspectiva de vida ativa e saudável, bem como a especialização de habilidades motoras específicas da dança e/ou esportes (GABARD, 2000; HAYWOOD; GETCHELL, 2004; PAYNE; ISAACS, 1999; SEEFELDT apud VALENTINI, 2002).

O domínio dessas habilidades pela criança é fundamental para seu completo desenvolvimento, uma vez que são elas que servirão de base para a aquisição dos estágios posteriores do movimento. Isayama e Gallardo (1998) entendem que é a fase mais importante do desenvolvimento motor na infância, no entanto, são necessárias condições ambientais adequadas (que devem incluir oportunidades para a prática, encorajamento e instrução) para que a criança atinja o estágio maduro de suas habilidades motoras fundamentais (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

A fase dos movimentos fundamentais é dividida em três estágios, que obedecem a uma progressão sequencial relacionada – mas não dependente - da idade. O estágio *Inicial* representa as primeiras tentativas orientadas da criança (entre 2 e 3 anos) para desempenhar uma habilidade fundamental. O estágio *Elementar* envolve maior controle e melhor coordenação rítmica dos movimentos fundamentais: crianças entre 4 e 5 anos de idades podem atingir este estágio do movimento. O estágio *Maduro* é caracterizado por desempenhos mecanicamente eficientes, coordenados e controlados; crianças entre 6 e 7 anos de idade podem atingir esse estágio, se as condições ambientais e de maturação forem propícias (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

3.2.3 HABILIDADES MOTORAS ESPECIALIZADAS

Para Gallahue e Ozmun (2005), as habilidades motoras especializadas são padrões motores fundamentais maduros que foram refinados e combinados para formar habilidades esportivas e outras habilidades motoras específicas e complexas. De acordo com os autores, a maioria das crianças tem potencial, aos 6 anos, para executar bons desempenhos no estágio maduro de grande parte dos padrões motores fundamentais e para começar a transição à fase motora especializada.

Essa fase é subdividida em três estágios, segundo Gallahue e Donnelly (2008). No estágio de transição, que tem início aproximadamente aos 7 anos e se estende até os 10 anos de idade, as crianças demonstram um alto grau de interesse em muitos esportes, mas possuem pouca habilidade real em qualquer um deles. O estágio de aplicação é típico nos alunos dos 11 aos 13 anos de idade; nesse estágio eles começam a selecionar tipos de esportes que preferem, e em que a escolha ocorre de acordo com as experiências anteriores bem sucedidas. A particularização de interesses neste estágio é acompanhada por um crescente desejo por competências. O estágio final dentro da fase motora especializada, o estágio de utilização vitalícia, tem base no esporte já praticado e nos estágios de habilidade fundamental e continua ao longo da vida. Indivíduos selecionam atividades de que gostam especificamente e as levam ao longo da vida por aptidão e satisfação.

O presente estudo trouxe um referencial teórico acerca da importância do movimento na infância e também como ocorre o processo do desenvolvimento motor, principalmente nas crianças. A partir daí, julgamos importante esclarecer como a legislação refere-se à educação física nas séries iniciais e a importância de um programa de educação física sistemática para o desenvolvimento das habilidades motoras.

3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS SOB O ASPECTO DA LEGISLAÇÃO

Nos primeiros anos do ensino fundamental evidencia-se a necessidade de proporcionar à criança movimentos de forma diversificada e prazerosa através da ludicidade, visando uma rica experiência de vivências motoras, que favoreçam a aquisição de habilidades fundamentais para a prática de atividades específicas que serão realizadas posteriormente.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, a educação física aparece no artigo 26, onde é explicitado:

“A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório na Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, de modo a contribuir para o desenvolvimento do organismo e da personalidade do educando”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em uma aula de educação física os aspectos corporais são mais evidentes, a aprendizagem está vinculada à experiência prática, no entanto o aluno necessita ser considerado como um todo, onde os aspectos cognitivos, afetivos e corporais estão inter-relacionados em todas as situações.

Nos PCNs, os conteúdos da educação física estão divididos em três blocos, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental: conhecimentos sobre o corpo; esportes, jogos, lutas e ginásticas; e atividades rítmicas e expressivas. Os três blocos articulam-se entre si, tem vários conteúdos em comum, mas guardam especificidades.

Este estudo envolverá alunos que, segundo os PCNs, se encontram no 1º Ciclo do Ensino Básico; nesse momento da escolaridade os alunos têm grande necessidade de se movimentar e estão ainda se adaptando à exigência de períodos mais longos de concentração em atividades escolares. Ao final desse primeiro ciclo (1ª e 2ª séries) espera-se que os alunos sejam capazes de:

- participar de atividades corporais, reconhecendo e respeitando algumas de suas características físicas e de desempenho motor, bem como as de seus colegas, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;
- conhecer os limites e as possibilidades do próprio corpo de forma a poder controlar algumas de suas atividades corporais com autonomia e a valorizá-las como recurso para manutenção de sua própria saúde;
- conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, sexuais ou culturais;
- organizar jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais; (BRASIL, 1997, p. 47).

Mendonça (2007) entende que a nova LDB, promulgada em 20 de Dezembro de 1996, traz a educação física como componente curricular obrigatório, porém não sendo obrigatório o seu ensino por um profissional devidamente habilitado em licenciatura plena na educação física nas fases da educação infantil e séries iniciais. Em consequência disso, encontramos diferentes realidades em nossas escolas, como: alunos do 1º ciclo sem aulas de educação física, aulas de educação física ministradas por professores unidocentes e aulas de educação física sendo ministradas por professores especialistas da área.

Corroborando, Palma (2008) afirma que, muitas vezes, as aulas de educação física acabam sendo substituídas por atividades livres no pátio, sem qualquer tipo de orientação por parte dos professores, às quais muitos chamam de recreação. Em consequência disso, as crianças passam a frequentar programas de educação física, oferecidos na escola, tardiamente, o que dificultará, ou retardará, o desenvolvimento de inúmeras habilidades, as quais poderiam estar em padrões mais avançados.

3.4 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS

Inúmeros investigadores têm demonstrado que os anos pré-escolares e os primeiros da escola de Ensino Fundamental são críticos na aquisição e no refinamento de habilidades motoras fundamentais, as quais são imprescindíveis para que a criança possa se envolver ativamente nas mais diversas atividades do seu dia-a-dia, e salientam a importância de uma adequada estimulação motora nessas idades (PALMA; PEREIRA; VALENTINI, 2009).

Estudos como o de Manroos *apud* Sanders (2005, p. 25) mostram que, ao serem observados os níveis de habilidades das crianças da quinta e da sexta séries que não tinham passado por experiências relacionadas à educação física ou a atividades motoras, nota-se o quanto o brincar por brincar não garante o desenvolvimento das habilidades motoras. Ele afirma ainda que somente jogar não é algo que ajuda as crianças a desenvolverem habilidades motoras; também constatou que os alunos da quinta e da sexta séries que participaram diariamente das atividades estruturadas para o desenvolvimento de habilidades tinham um desempenho melhor do que os que participaram de aulas de educação física centradas apenas em jogos.

Lopes (1997) também concluiu que os grupos sujeitos a programas de educação física obtiveram um desenvolvimento mais elevado nos níveis de aptidão física, capacidade de coordenação corporal e das habilidades motoras, do que o grupo que não participou de nenhum tipo de programa interventivo. Por isso, autores como Valentini (2002) afirmam que a educação física nos primeiros anos do ensino fundamental deve construir oportunidades efetivas para o desenvolvimento de níveis básicos de proficiência no desempenho das habilidades motoras fundamentais.

Outro estudo, realizado por Perroti Junior *apud* Isayama e Gallardo (1998), teve como objetivo analisar o processo de desenvolvimento motor em crianças de 7 a 10 anos de idade e qual a

influência, nesse desenvolvimento, das aulas regulares de educação física. Os dados indicaram que a maioria das crianças não se encontrava no estágio maduro e concluiu também que as aulas de educação física com professores especializados auxiliam no desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais.

No entanto, Peres (2008), em seus resultados, não encontrou influência da prática regular de educação física sobre níveis de comportamento motor, sugerindo então que outros fatores fossem considerados, como o conteúdo a ser trabalhado, a metodologia de ensino, a motivação, a qualidade das aulas e o tempo de aula como importantes para a melhoria do comportamento motor. Confirmando este fato, Braga et al. (2009) constataram em seu estudo que são necessárias instrução adequada e métodos sistemáticos e consistentes de ensino para garantir uma evolução no desenvolvimento das habilidades motoras.

Para Palma (2008) algumas premissas consideradas importantes devem ser incluídas em um programa de educação física, para que esse seja concretizado de forma adequada e que propicie ganhos no desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar e escolar. A autora apresenta as diretrizes da NASPE (National Association for Sport and Physical Education, 2001) e elucida uma de suas premissas, qual seja a importância da frequência nas atividades. Uma das diretrizes desse documento destaca a ideia de que a criança em idade pré-escolar deve participar de atividades não estruturadas sempre que for possível e deve ter, pelo menos, uma hora por dia de atividade física estruturada. Sanders (2005) corrobora com esta ideia, ao sugerir que essas atividades devem ser realizadas diariamente e de forma estruturada, pois entende que a regularidade é o que torna o movimento como parte da experiência de aprendizagem da criança da pré-escola.

Outro fator importante e que deve ser observado é a participação ativa do aluno. Para que isso aconteça é fundamental que os professores reconheçam que crianças da mesma idade podem estar em níveis de desenvolvimento motor diferentes, tornando-se essencial a escolha de estratégias de ensino que contemplem essas diferenças, incentivando então o envolvimento por parte de todas as crianças em diversas atividades motoras. Desse modo, Valentini (2004) propõem um currículo diversificado, com níveis diferenciados de desafios para cada atividade, buscando respeitar as diferenças, valorizar a diversidade, facilitando a inclusão. Várias outras premissas, citadas em Siedentop e Tannehill (2000), Palma (2008), Graham, Holt-Hale e Parker (2007), Sanders (2005), também são consideradas de suma importância para um programa de educação física de qualidade, dentre as quais mencionamos a instrução verbal, a demonstração, o feedback, os espaço e materiais,

o tamanho da turma, o estabelecimento de protocolos, a equidade de oportunidade entre os gêneros, entre outras.

Neste enfoque, percebe-se a importância de efetivar a prática da Educação Física nas escolas, principalmente nas séries iniciais, sendo de responsabilidade do profissional desta área oportunizar às crianças atividades diversificadas e orientadas de modo a lhes ser garantido um amplo repertório motor.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é caracterizada como descritiva comparativa, de cunho quantitativo.

4.2 AMOSTRA

Esta pesquisa foi composta por quarenta crianças com idade entre sete a nove anos, matriculadas em duas escolas no mesmo bairro de Porto Alegre, uma que oferece aulas de educação física com professor da área (escola municipal) e outra que não oferece educação física (escola estadual). Enviamos o Termo de consentimento livre e esclarecido para os responsáveis legais (ANEXO 1) para que autorizassem a realização dos testes e também foi considerada a concordância verbal das crianças para sua participação na pesquisa.

4.3 INSTRUMENTOS

Para avaliar o nível de desempenho motor das crianças participantes do estudo foi utilizado o Test of Gross Motor Development – Second Edition (TGMD -2), de Ulrich (2000), instrumento validado no Brasil por Valentini et al. (2008).

Este teste avalia 12 habilidades motoras amplas, sendo seis locomotoras e seis de controle de objetos, em dois subtestes: a) subteste locomotor: corrida, galope, saltito, passada, salto horizontal e corrida lateral; b) subteste de controle de objetos: rebatida de uma bola estacionária, drible, recepção, chute, arremesso sobre o ombro e rolar a bola. A aplicação do teste dura aproximadamente 20 minutos por criança. O protocolo de aplicação sugere o uso de câmera filmadora para registro e posterior análise do desempenho motor; essa análise leva aproximadamente 60 minutos para cada criança.

Os materiais utilizados para a avaliação de desempenho motor foram: 2 câmeras digitais, 2 tripés, 1 trena de 20 metros, rolos de fita adesiva, 5 cones, 2 bolas plásticas leves (10,2cm/diâmetro), 2 bolas plásticas (25cm/diâmetro), 4 bolas de tênis, 1 bastão plástico de beisebol, base PVC para apoio da bola e 1 saquinho de areia.

Os escores registrados por cada criança fornecem escore bruto, escore padrão e percentil em cada um dos subtestes (locomoção e controle de objetos), além de um coeficiente motor amplo. O escore bruto é obtido através do somatório dos pontos recebidos na execução de cada habilidade motora; o escore bruto mais baixo para cada subteste é zero e o mais alto, 48. O escore padrão considera a idade da criança e é elaborado a partir dos escores brutos e da própria idade. A amplitude do escore padrão é de 1 a 20 para cada subteste. O percentil representa valores que indicam a porcentagem de distribuição de cada indivíduo. O coeficiente motor amplo trata-se de uma representação numérica da performance geral das crianças nas habilidades motoras avaliadas pelo TGMD-2. O anexo 2 apresenta um exemplo do protocolo de avaliação da habilidade corrida lateral.

Para controle de possíveis práticas de atividade física sistemática realizadas pelas crianças do estudo (fora do âmbito das aulas de educação física), foi encaminhado aos pais questionário sobre o tema (anexo 3).

4.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E DE COLETA DOS DADOS

- 1) Aprovação do projeto pela Comissão de Pesquisa da ESEF e, posteriormente, encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (em agosto de 2011, sob nº 21684).
- 2) Realização do contato com as escolas selecionadas para a apresentação do projeto.
- 3) Realização do contato com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre para autorização das escolas selecionadas.
- 4) Recepção das autorizações devidamente assinadas pela Secretaria Municipal de Educação.
- 5) Assinatura do Termo de Consentimento Institucional pelos diretores das escolas (anexo 4).
- 6) Envio aos responsáveis legais das crianças o Termo de consentimento livre e esclarecido para a autorização, bem como o questionário para verificação de possíveis atividades físicas extra aula.
- 7) Recepção dos documentos assinados e devidamente preenchidos.
- 8) Agendamento dos testes.

9) Realização dos testes. Para a aplicação do TGMD-2 foi seguido o protocolo padronizado sugerido no apêndice A do Manual do Avaliador (ULRICH, 2000).

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

4.5.1 Análise dos Vídeos

O registro do teste de cada criança foi realizado através de duas câmeras digitais, uma com vista frontal e a outra, lateral. Após a aplicação do TGMD-2 o desempenho motor das crianças foi analisado, em um primeiro momento, através das imagens frontais de uma das câmeras; a seguir, as imagens laterais do teste foram utilizadas para confirmar a análise realizada pela primeira câmera.

4.5.2 Análise Estatística

Para a análise estatística dos dados coletados neste estudo utilizamos o programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 18.0. Os dados são referentes aos escores padrão (nos subtestes de locomoção e de controle de objetos) e ao Coeficiente Motor Amplo obtido por cada criança no TGMD-2.

A partir do Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk foi verificada a distribuição dos dados na amostra. No caso de distribuição normal, a comparação entre os dois grupos foi feita através do Teste *t de Student* para amostras independentes. No caso de distribuição não normal, o teste não paramétrico U Mann-Whitney foi utilizado.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentaremos neste capítulo os resultados referentes à distribuição dos dados na amostra, ao nível de desempenho motor (representado pelo Coeficiente Motor Amplo) baseado nas categorias descritivas, propostas por Ulrich (2000), bem como às comparações entre os grupos.

5.1 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS NA AMOSTRA

O resultado do teste de normalidade de Shapiro-Wilk revela que os dados não se apresentaram normalmente distribuídos no subteste locomotor ($p=0,016$ para praticantes e $p=0,045$ para não praticantes) e normalmente distribuídos no subteste controle de objetos ($p=0,609$ para praticantes e $p=0,086$ para não praticantes) e no CMA ($p=0,094$ para praticantes e $p=0,298$ para não praticantes).

5.2 ANÁLISE DO DESEMPENHO MOTOR, CONFORME UIRICH (2000)

Na tabela abaixo são apresentados os resultados referentes ao CMA dos escolares praticantes e não praticantes de Educação Física.

	CMA*	Categoria
Praticantes	64,75± 5,58	Muito Pobre
Não praticantes	64,15±8,84	Muito Pobre

Tabela 1 – Médias dos 2 grupos

*CMA – Coeficiente Motor Amplo

Como é possível observar, esses resultados caracterizam-se como um desempenho motor *muito pobre*, segundo Ulrich (2000).

Os resultados são parcialmente consistentes com a hipótese 1 do estudo, a qual afirmava que escolares praticantes de educação física apresentariam um desempenho motor adequado a sua idade, enquanto escolares não praticantes apresentariam um desempenho motor aquém do esperado para sua idade.

Em um estudo semelhante, Peres (2008) comparou o comportamento motor de dois grupos de crianças, do 4º ano do Ensino Básico escolar de Portugal; um grupo foi constituído por escolares que frequentavam aulas de educação física de forma regular e sistemática, com professor especialista, e outro grupo por escolares que não frequentavam aulas de educação física. O estudo não encontrou diferenças significativas entre os níveis de desempenho motor dos grupos avaliados.

Os resultados de Azevedo (2009) assemelham-se ao do presente estudo, pois não foram

encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de crianças que participa de aulas de educação física ministradas pelos estagiários da área e o grupo que participa dessas aulas ministradas pelo professor unidocente. Entretanto, diferenças foram constatadas entre o grupo que participa de aulas de educação física ministradas pelos estagiários da área e os que não realizam educação física.

Camargo (2010), em seu estudo, avaliou e comparou o nível de desenvolvimento motor de sessenta e quatro crianças pré-escolares praticantes e não-praticantes de atividade física sistemática. Seus resultados foram diferentes dos nossos, pois houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos, com superioridade dos praticantes. Ou seja, podemos constatar que este grupo de crianças está recebendo estímulos motores necessários para o seu desenvolvimento, assim como uma instrução adequada por parte dos professores de educação física.

Através dos resultados de nosso estudo, podemos identificar uma carência motora em ambos os grupos; isso gera uma preocupação em relação aos estímulos motores que estas crianças estão recebendo, pois é necessário que programas de educação física propiciem oportunidades de experiências diversificadas e apropriadas para o seu correto desenvolvimento motor. Corroborando, Villwock e Valentini (2007) constataram como os principais fatores que influenciam as dificuldades no processo de desenvolvimento motor: falta de experiência motora; falta de instrução adequada; falta de oportunidades de práticas diversificadas; e fatores motivacionais.

Estudos como os de Brauner (2010), Palma (2008), Berleze (2008), Píffero (2007) e Souza (2008) constataram incrementos significativos no desempenho motor de pré-escolares e escolares, após esses terem participado de programas de movimento/educação física, demonstrando, dessa forma, a importância da estimulação adequada.

Relativamente à presente investigação, chama-nos a atenção o fato de que mesmo as crianças que participam de programas de educação física na escola apresentam níveis de desempenho motor muito baixos. Esses dados nos levam a concordar com Magill (2000), quando afirma que, apesar de a prática ser uma condição necessária, ela, por si só, pode não ser suficiente para que ocorra a aprendizagem. Cabe reflexão sobre os programas de educação física nas séries iniciais. Embora os objetivos, conteúdos, metodologias desses programas não tenham sido alvo deste estudo, é visível que os mesmos não têm instrumentalizado suficientemente as crianças para exibirem padrões maduros de habilidades motoras fundamentais.

5.3 COMPARAÇÕES ENTRE OS GRUPOS

5.3.1. Subteste locomotor

Tendo-se recorrido ao teste U Mann-Whitney para a comparação entre os grupos, não foi constatada diferença estatisticamente significativa entre eles ($p=0,176$).

O gráfico 1 apresenta o desempenho motor das crianças dos dois grupos, no subteste locomotor. O grupo de praticantes obteve mediana = 4,00 ($P_{25}=3,00$; $P_{75}=4,00$), enquanto que os não praticantes, mediana = 3,00 ($P_{25}=2,25$; $P_{75}=4,00$).

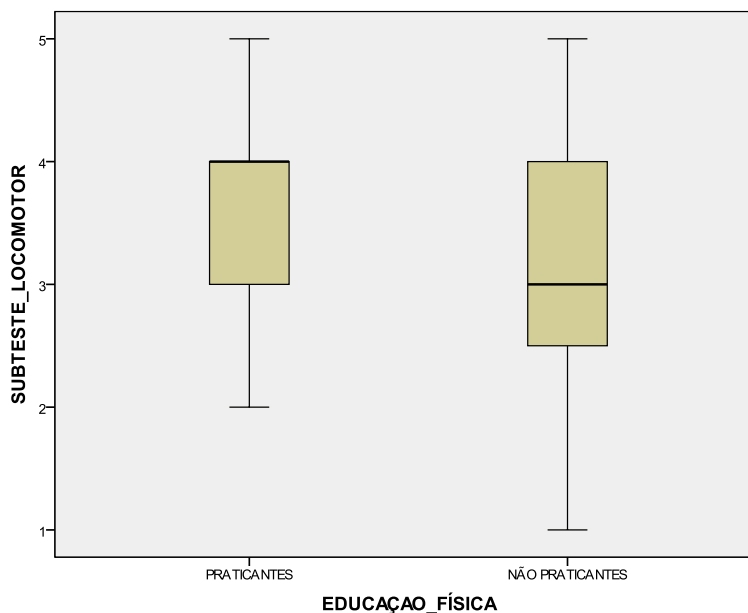


Gráfico 1 – Comparação entre Praticantes e Não Praticantes – Subteste Locomotor

Esses achados não confirmam a hipótese 2 de nosso estudo, que afirmava que escolares praticantes de educação física apresentariam desempenho motor superior, quando comparados com escolares não praticantes de educação física.

5.3.2. Subteste Controle de Objetos

O Teste t para amostras independentes identificou, através da comparação entre os dados dos dois grupos, que as diferenças observadas não foram estatisticamente significativas ($p= 0,588$). O grupo de crianças praticantes de educação física com professor especializado apresentou $M= 4,50$ e $DP= 1,82$, enquanto que o grupo de crianças não praticantes de educação física apresentou $M= 4,85$ e $DP = 2,20$.

O gráfico 2 apresenta os resultados relativos ao subteste controle de objetos.

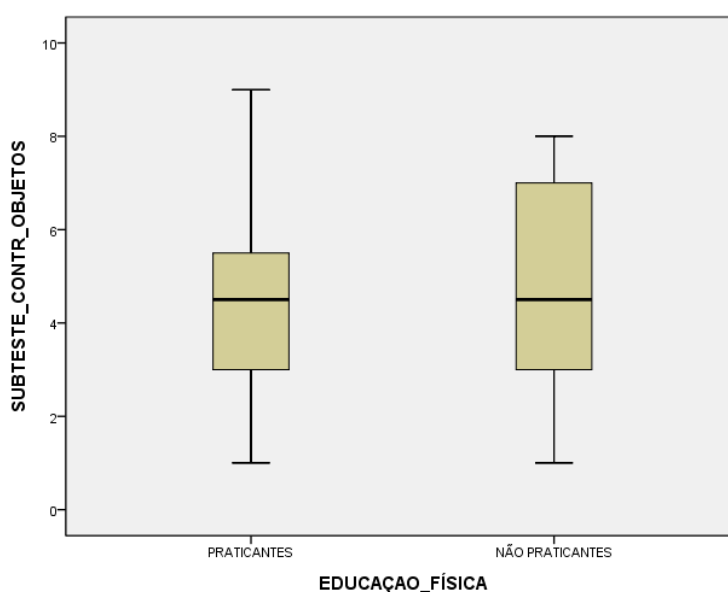


Gráfico 2 – Comparação entre Praticantes e Não Praticantes – Subteste Controle de objetos

Esses achados não são convergentes com a hipótese 2 de nosso estudo, que afirmava que escolares praticantes de educação física apresentariam desempenho motor superior, quando comparados com escolares não praticantes de educação física.

5.3.3. CMA

O Teste t para amostras independentes identificou, através da comparação entre os dados dos dois grupos, que as diferenças observadas não foram estatisticamente significativas ($p= 0,799$). O grupo de crianças praticantes de educação física com professor especializado apresentou $M= 64,75$

e DP= 5,58, enquanto que o grupo de crianças não praticantes de educação física apresentou M= 64,15 e DP = 8,84.

Os resultados relativos ao CMA encontram-se no gráfico 3.

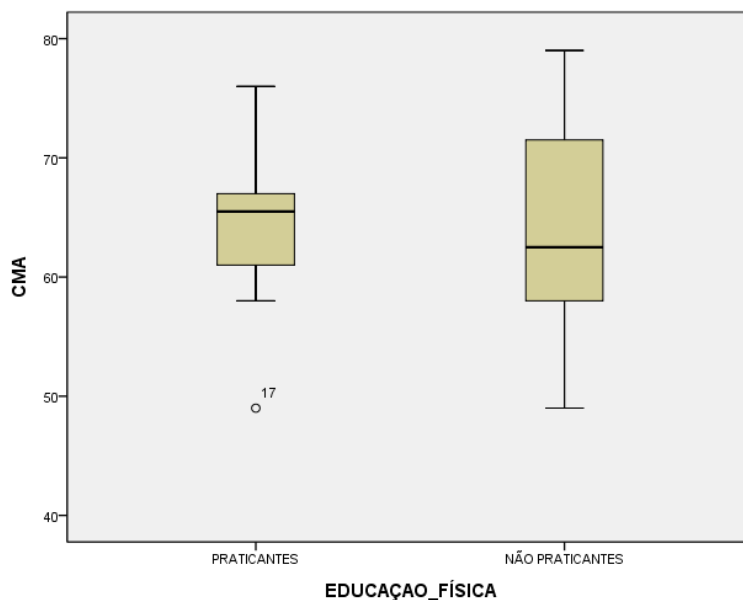


Gráfico 3 – Comparação entre Praticantes e Não Praticantes – CMA

Esses achados não são consistentes com a hipótese 2 de nosso estudo, que afirmava que escolares praticantes de educação física apresentariam desempenho motor superior, quando comparados com escolares não praticantes de educação física.

Constatamos, assim, que os dois grupos (praticantes e não praticantes de educação física) apresentaram desempenho similar tanto nas habilidades locomotoras, quanto nas de controle de objetos e, ainda, no CMA.

Em estudo semelhante ao nosso, Peres (2008) também não encontrou diferenças significativas quanto ao desempenho motor entre o grupo que frequentava aulas de educação física de forma regular e sistemática e o grupo que não frequentava aulas de educação física.

Já Camargo (2010) comparou o desempenho de habilidades locomotoras, de controle de objetos e o CMA de pré-escolares, com idade entre 5 e 6 anos, praticantes e não praticantes de

atividade física. Os praticantes exibiram desempenho motor superior aos não praticantes nas três variáveis estudadas.

Azevedo (2009), que comparou o CMA de escolares brasileiros (a) que praticavam educação física com estagiários da área, (b) que praticavam educação física com professor(a) unidocente e (c) que não praticavam educação física, encontrou diferenças estatisticamente significativas entre o CMA dos escolares (a) e (c) – superiores em (a) –, não tendo verificado diferenças entre os grupos (a) e (b), nem entre os grupos (b) e (c).

Várias investigações (PALMA, 2008; BERLEZE, 2008; PÍFFERO, 2007; BRAUNER, 2010) têm sido levadas a cabo, verificando a influência de programas interventivos sobre o desempenho de habilidades motoras de crianças em idade pré-escolar e escolar. Chamamos a atenção para o fato de que, nesses estudos, os programas foram rigorosamente controlados.

Palma (2008), que utilizou em seu estudo diferentes contextos de ensino-aprendizagem, encontrou ganhos estatisticamente significativos em habilidades locomotoras, de controle de objetos e no CMA, do pré para o pós-teste, no grupo interventivo, enquanto que o grupo controle não apresentou diferenças durante esse período.

Quanto às habilidades locomotoras, Berleze (2008) encontrou resultados positivos no grupo interventivo, que apresentou, no pré-teste, o escore padrão de 3,7 e, no pós-teste, o escore 7,2; já no grupo controle o escore foi 2,2 no pré-teste e 2,9 no pós-teste, não sendo a diferença estatisticamente significativa neste grupo.

Também Píffero (2007) investigou a influência de um programa de iniciação ao tênis nas habilidades motoras fundamentais e especializadas em diferentes abordagens, comparando as habilidades locomotoras de 61 crianças em diferentes faixas etárias. Os resultados evidenciaram diferenças estatisticamente significantes do grupo interventivo do pré-teste ($M=4,58$) para o pós-teste ($M=7,17$) nessas habilidades.

Brauner (2010), ao avaliar as habilidades de controle de objetos, verificou no grupo interventivo, no pós-teste, uma média de 7,34, enquanto que, no pré-teste, a média foi de 5,27. No grupo controle, a média do seu pós-teste foi de 5,12 – abaixo do seu pré-teste, que foi de 5,53. Os

ganhos significativos se deram no grupo interventivo, em contraste com o grupo controle, que manteve escores semelhantes entre pré e pós-teste.

Diferentemente desses estudos, o nosso limitou-se à avaliação do desempenho motor de estudantes praticantes e não praticantes de educação física, não se tendo por objetivo a análise desses programas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi avaliar e comparar o nível de desempenho motor de escolares praticantes e não praticantes de educação física. Pode-se constatar o quanto nossos escolares, tanto os que participam dessas aulas quanto os que não participam delas, estão deficientes em termos de desempenho motor, pois apresentam níveis muito aquém do esperado para a idade.

Cabe aqui salientar a importância do movimento na vida das crianças; entretanto, elas não têm demonstrado padrões maduros de habilidades motoras fundamentais, quando, na realidade, já poderiam estar exibindo habilidades especializadas, se bem estimuladas pelo meio. Quais as metodologias, objetivos, conteúdos que estão sendo trabalhados em nossas aulas de educação física escolar? Até que ponto nossos professores estão sendo capazes de auxiliar seus estudantes a desenvolverem competências motoras básicas, a serem utilizadas e requeridas ao longo de toda a vida? Nosso estudo deixa essas interrogações!

Consideramos como fatores limitantes dessa pesquisa, o pequeno número da amostra e também a falta de controle sobre a qualidade dos programas de educação física oferecidos, bem como a frequência que eles aconteciam. Observa-se que, em estudos onde houve controle da intervenção (adequada à idade, com diferentes estímulos motores, etc.) houve sim ganhos significativos nos níveis de desempenho motor das crianças. Por isso, é fundamental que professores repensem seus programas de educação física e passem a estimular em seus alunos a aquisição e o refinamento das inúmeras habilidades motoras básicas.

Sugerimos que sejam realizadas mais pesquisas na área do desenvolvimento motor de crianças, em relação às metodologias de ensino aplicadas e à formação de professores, para a compreensão dos reais motivos pelos quais essas crianças não estão atingindo o nível de desenvolvimento motor esperado para sua idade.

Esperamos que, num futuro próximo, as crianças das diferentes redes de ensino possam desfrutar de aulas de educação física que priorizem o desenvolvimento de sua competência motora.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Jaqueline B. **Nível de desempenho motor de crianças com 10 anos de idade em escolas públicas de Porto Alegre.** 2009. Monografia (Graduação em Licenciatura plena em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BERLEZE, A.; HAEFNER, L.; VALENTINI, N. C. Desempenho motor de crianças obesas: uma investigação do processo e produto de habilidades motoras fundamentais. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v.9, n. 2, 2007, p. 134-144.

BERLEZE, Adriana. **Efeitos de um programa de intervenção motora em crianças obesas e não obesas, nos parâmetros motores, nutricionais e psicossociais.** 189 f. Tese (Doutorado) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

BRAGA, Rafael K., KREBS, Ruy J., VALENTINI, Nádia C., TKAC, Claudio M. A influência de um programa de intervenção motora no desempenho das habilidades locomotoras de crianças com idades entre 6 e 7 anos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 171-181, 2009.

BRAUNER, Luciana Martins, VALENTINI, Nádia Cristina. Análise do desempenho motor de crianças participantes de um programa de atividades físicas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 205-216, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/96, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAETANO, Maria J. D., SILVEIRA, Carolina R. A., GOBBI, Lilian T. B. Desenvolvimento motor de pré-escolares no intervalo de 13 meses. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano.** 7(2): 05-13, 2005.

CASTRO, Márcia Bairros de. **A influência do contexto nas habilidades motoras fundamentais de pré-escolares e escolares.** Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade federal do Rio Grande do Sul. 106 f. Tese (Mestrado), 2008.

FONSECA, Fernando R., BELTRAME, Thaís S., TKAC, Claudio M. Relação entre o nível de desenvolvimento motor e variáveis do contexto de desenvolvimento de crianças. **Revista da Educação Física**. UEM 19(2): 183-194, 2008.

GALLAHUE, David L; OZMUN, John C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3 ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALLAHUE, David L. & DONNELLY, Frances C. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. São Paulo: Phorte, 2008.

HAYWOOD, Kathleen M.; GETCHELL, Nancy. **Desenvolvimento Motor ao Longo da Vida**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. GALLARDO, Jorge Sergio Perez. Desenvolvimento Motor: Análise dos Estudos Brasileiros sobre Habilidades Motoras Fundamentais. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, p. 75-82, 1998.

LOPES, Vítor P. **Análise dos Efeitos de dois Programas Distintos de Educação Física na Expressão da Aptidão Física, Coordenação e Habilidades Motoras em Crianças do ensino Primário**. 1997. 298 f. Tese (Doutorado). Porto: Universidade do Porto – FCDEF, 1997.

LOPES, Vítor P.; MAIA, J. A R., R. G. Silva, A. SEABRA, F. P. Morais. Estudo do nível de desenvolvimento da coordenação motora da população escolar (6 a 10 anos de idade) da Região Autónoma dos Açores. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol. 3, n. 1, p. 47-60, 2003.

MAGILL, R. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

MANOEL, Edison de J. Adaptação e desenvolvimento motor. In: TANI, Go. **Comportamento Motor – Aprendizagem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 71-78, 2005.

MENDONÇA, Andréia P.; CARVALHO, Carolina, M.; CRUZ, Márcia, P. A situação atual da educação física conforme a LDB. **Revista eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, n. 3, 2007.

NETO, Carlos A. F. **Motricidade e jogo na infância**. 3 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

PALMA, Míriam, S. **O Desenvolvimento de Habilidades Motoras e o Engajamento de Crianças Pré-Escolares em Diferentes Contextos de Jogo.** 2008. 350 f. Tese (Doutorado). Braga: Universidade do Minho – IEC, 2008.

PALMA, Míriam; PEREIRA, Beatriz; VALENTINI, Nádia. Jogo com orientação: uma proposta metodológica para a educação física pré-escolar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá. v. 20, p. 529-541, 2009.

PAYNE, V. G.; ISAACS, L. D. **Desenvolvimento motor humano.** 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PÍFFERO, Constance Müller. **Habilidades motoras fundamentais e especializadas, aplicação de habilidades no jogo e percepção de competência de crianças em situação de risco: a influência de um programa de iniciação ao tênis.** Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 211 f. Dissertação de Mestrado, 2007.

SANDERS, Stephen W. **Ativo para a vida: programas de movimentos adequados ao desenvolvimento da criança.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

TANI, Go. Educação física na educação infantil: pesquisa e produção do conhecimento. **Revista Paulista de Educação Física.** São Paulo, supl. 4, 2001, p. 110-115.

TANI, G. Aprendizagem e problemas de investigação. In: Tani, G. **Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005, p. 17-33.

ULRICH, D. **Test of Gross Motor Development. Examiner's Manual** Austin, TX: PRO-ED Publishers, 2 ed., 2000.

VALENTINI, Nadia Cristina et al. Teste de Desenvolvimento Motor Grosso: Validade e consistência interna para uma população Gaúcha. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Porto Alegre, p.399-404, 2008.

VALENTINI, N. C. Percepções de competência e desenvolvimento motor de meninos e meninas: um estudo transversal. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 51-62, 2002.

VILLWOCK, G., VALENTINI, N. C. Percepção de competência atlética, orientação motivacional e competência motora em crianças de escolas públicas: estudo desenvolvimentista e correlacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 4, 2007, p. 245-257.

WEINECK, Jürgen. **Biologia do esporte**. 7ª ed. Barueri, SP: Manole, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PELOS RESPONSÁVEIS LEGAIS DA CRIANÇA

Eu, _____, consinto a participação de meu (minha) filho(a) (ou protegido legal), _____ na pesquisa intitulada *Nível de desempenho motor de escolares praticantes e não praticantes de educação física: um estudo comparativo*, realizada pela acadêmica Priscilla da Silva Fernandes e orientada pela Prof. Dra. Míriam Stock Palma, ambas da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS).

Estou ciente de que a referida pesquisa tem por objetivo avaliar e comparar o nível de escolares, praticantes e não praticantes de educação física, em escolas municipais de Porto Alegre. A participação de meu (minha) filho(a) (ou protegido legal) será através de avaliação de habilidades fundamentais locomotoras (como correr, galopar, saltitar, dar passada, saltar horizontalmente e correr lateralmente) e de controle de objetos (como rebater uma bola estacionária, quicar, receber, chutar, arremessar e rolar uma bola). Entendo que a avaliação motora ocorrerá no período que meu (minha) filho(a) (ou protegido legal) estiver na escola, sem que sejam prejudicadas as atividades escolares desenvolvidas.

Autorizo a realização de imagens fotográficas e filmagem durante os testes e permito a publicação dos resultados desta pesquisa, mas o nome e a identidade de meu (minha) filho(a) (ou protegido legal) não serão revelados.

Fui devidamente esclarecido que a acadêmica Priscilla da Silva Fernandes e a Prof. Dra. Míriam Stock Palma manterão a confidencialidade dos registros de meu (minha) filho(a) (ou protegido legal), sendo responsável pelo armazenamento dos dados, os quais serão guardados na ESEF-UFRGS por cinco anos. Após esse período, as imagens serão desgravadas.

Compreendo que a pesquisa não envolve mais do que risco mínimo. Em caso de imprevistos, como quedas, entorses ou possível desconforto (calor, cansaço para a realização das atividades) posso esperar o cuidado da responsável pela pesquisa, que tomará as medidas cabíveis ao ocorrido e, se necessário, realizará o transporte até o local onde possa ser recebido um atendimento especializado. Fui informado de que não serei remunerado pela participação de meu (minha) filho(a) (ou protegido legal) na pesquisa.

Sei que, em qualquer momento, poderei solicitar novas informações e retirar meu consentimento, se assim eu o desejar, sem qualquer prejuízo para meu (minha) filho(a) (ou protegido legal).

Para eventuais dúvidas ou esclarecimentos, o contato pode ser feito através dos telefones (51) 85432563, com a acadêmica, (51) 93151305, com a pesquisadora, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, através do telefone (51)3308-3738.

_____/_____/_____
Assinatura dos responsáveis legais da criança Data

_____/_____/_____
Assinatura da Acadêmica Data

_____/_____/_____
Assinatura da Orientadora Data

ANEXO 2 – PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DA HABILIDADE DE CORRIDA LATERAL

HABILIDADE	MATERIAIS	INSTRUÇÕES	CRITÉRIOS DE DESEMPENHO
Corrida lateral	No mínimo, 7,6m de espaço livre, uma linha reta e 2 cones.	Colocar os cones a 7,6m um do outro nas extremidades de uma linha no chão. Dizer à criança para deslocar-se lateralmente de um cone a outro e voltar. Repetir uma segunda tentativa.	1.O corpo volta-se de lado, de tal forma que os ombros fiquem alinhados em relação à linha no chão.
			2. Um passo lateral com um pé, seguido de um deslizamento do outro pé até um ponto próximo ao que iniciou o movimento.
			3. No mínimo, 4 ciclos contínuos de passadas para a direita.
			4. No mínimo, 4 ciclos contínuos de passadas para a esquerda.

ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO – INFORMAÇÕES A RESPEITO DA PRÁTICA DA ATIVIDADE FÍSICA SISTEMÁTICA PELAS CRIANÇAS

Senhores pais (ou responsáveis legais)

Sou a acadêmica Priscilla da Silva Fernandes, do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS e estou realizando uma pesquisa com o objetivo de avaliar e comparar o nível de desempenho motor de escolares praticantes e não praticantes de educação física. Para tanto, solicito que responda às questões abaixo:

A) DADOS SOBRE A CRIANÇA:

- 1) Nome da criança:.....
- 2) Data de nascimento:.....
- 3) Sexo: () Masculino () Feminino
- 4) Escola:.....

B) DADOS QUANTO À PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA:

- 1) Seu(sua) filho(a) participa de algum programa de atividade física?
() Sim () Não
- 2) Em caso positivo, qual(is) a(s) atividade(s) praticada(s)?.....
.....
- 3) Quantas vezes por semana?
- 4) Desde quando pratica?.....

Assinatura do responsável legal

Porto Alegre, ____ de _____, 2011

ANEXO 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

O projeto *Nível de desempenho motor de escolares praticantes e não praticantes de educação física: um estudo comparativo* tem por objetivo avaliar e comparar o nível de desempenho motor de escolares, praticantes e não praticantes de educação física, em escolas municipais de Porto Alegre. Trata-se do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido pela acadêmica Priscilla da Silva Fernandes, sob orientação da Prof. Dra. Míriam Stock Palma, da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS).

O estudo será desenvolvido através da avaliação de habilidades fundamentais locomotoras (como correr, galopar, saltitar, dar passada, saltar horizontalmente e correr lateralmente) e de controle de objetos (como rebater uma bola estacionária, quicar, receber, chutar, arremessar e rolar uma bola), ou seja, atividades frequentemente realizadas pelas crianças. Entendo que a avaliação motora ocorrerá no período em que os alunos estiverem na escola, sem que sejam prejudicadas as atividades desenvolvidas.

Compreendo que a pesquisa não envolve mais do que risco mínimo. Em caso de possíveis imprevistos, como um entorse ou desconforto (calor, cansaço para a realização das atividades), espero o cuidado necessário da professora responsável.

Eu, nome do (a) diretor(a), diretor(a) da Escola (nome da escola), autorizo a realização da investigação *Nível de desempenho motor de escolares praticantes e não praticantes de educação física: um estudo comparativo* nas dependências da escola, com a participação da acadêmica Priscilla da Silva Fernandes.

Também fui informado (a) da garantia de receber esclarecimento às perguntas e dúvidas relacionadas ao estudo; da liberdade de poder retirar o consentimento de realização desta pesquisa nas dependências da escola e da segurança da preservação da identidade das crianças na publicação dos dados no trabalho final. Contatos para quaisquer esclarecimentos/informações poderão ser realizados através do telefone (51) 85432563 ou do endereço eletrônico (priesef@hotmail.com) com a acadêmica Priscilla da Silva Fernandes ou diretamente com a professora orientadora do estudo, Míriam Stock Palma, através do telefone (51) 93151305.

Nome do(a) diretor(a)
Diretor (a) da Escola (nome da escola)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2011